

# VIAGENS NO TEMPO: MEMÓRIAS DO ESCRIVÃO JOSÉ JOAQUIM DO CARMO GAMA SOBRE UMA ESTAÇÃO DE CURA

*Marina Haizenreder Ertzogue*<sup>1</sup>

Em “O prazer do historiador”, Alain Corbin conta a experiência de ir aos arquivos e proceder ao acaso. Nos arquivos do departamento de Orne, em Alençon, Corbin buscou registros de estado civil, escolhendo aleatoriamente o pequeno município de Origny-le-Butin. O arquivista pergunta: “Sobre o que o senhor trabalha?” – “Não sei, mas vou lhe dizer daqui a quinze minutos”<sup>2</sup>. O historiador examinou as tabelas decenais e selecionou três nomes.

Corbin decide pesquisar um homem que viveu 76 anos, Louis-François Pinagot. No início da investigação ele sabia apenas que Pinagot tinha atravessado o século. “Pensei: – é ele –. Não se toma tal decisão sem emoção: Agora vou trabalhar – quanto tempo, eu não sei, sem dúvida vários meses –, sobre esse senhor que estava ali, completamente adormecido”<sup>3</sup>. O historiador não conseguia deixar de pensar. “Se há uma outra vida e eu a encontrar, será surpreendente. Procurei, portanto, tudo que eu poderia saber”<sup>4</sup>.

No dia 2 de maio de 1995, Louis-François Pinagot, um modesto fabricante de tamancos, foi “ressuscitado” por Corbin<sup>5</sup>. Um homem desconhecido tornava-se o protagonista do livro *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot, sur les traces d’un inconnu (1798-1876)*<sup>6</sup>.

*No final do livro, o autor pede perdão a Pinagot por tê-lo ressuscitado, ainda que de modo evanescente. Talvez Pinagot pudesse perdoá-lo. Principalmente porque Corbin não lutou contra os contornos imprecisos da identidade daquele antigo fabricante de tamancos. Desse modo, evitou magistralmente o anacronismo de conceder a um indivíduo do passado uma visibilidade que corresponde apenas aos nossos contemporâneos sentidos.*<sup>7</sup>

Meu encontro com o escrivão José Joaquim do Carmo Gama também foi por acaso. Pesquisando na imprensa sobre a exploração de recursos hídricos por

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins. Bolsista produtividade do CNPq - E-Mail: <marina@uft.edu.br>.

<sup>2</sup> VIDAL, Laurent. “Alain Corbin: o prazer do historiador”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, vol. 25, n. 49, jan. 2005, p. 23.

<sup>3</sup> VIDAL, “Alain Corbin...”, p. 23.

<sup>4</sup> VIDAL, “Alain Corbin...”, p. 23.

<sup>5</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Uma história quase impossível: Alain Corbin”. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 19, nov. 1999, p. 207.

<sup>6</sup> CORBIN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot, sur les traces d’un inconnu, 1798-1876*. Paris: Flammarion, 1998.

<sup>7</sup> SANT’ANNA, “Uma história quase...”, p. 208.

empreendimentos balneários com capital privado, no fim do século XIX, encontrei uma narrativa intitulada “Poços de Caldas: impressões de viagem”, datada de 1894. O texto publicado no jornal mineiro ocupava páginas inteiras da coluna “Colaboração”. As fontes tipográficas estavam tão juntas, quase sem espaços entre as linhas, que seria possível conjecturar a intenção do jornal em desincumbir-se rapidamente da publicação.

## **A viagem de José Joaquim do Carmo Gama**

“Poços de Caldas: impressões de viagem” cativa o leitor pela singeleza do relato, uma escrita para o estudo das sensibilidades. O escrivão, parafraseando Alain Corbin, estava “completamente adormecido” nas páginas amareladas do jornal *Minas Gerais*<sup>8</sup>. Por coincidência, o escrivão José Joaquim do Carmo Gama também tinha atravessado o século e viveu 77 anos.

A folha mineira publicou “Poços de Caldas: impressões de viagem” em forma de folhetim, em espaço reservado para contribuição dos leitores, todavia, sem consagrar uma única linha ao autor. Referências sobre Carmo Gama no jornal *Minas Gerais* são apenas duas: uma nota em “despachos oficiais” da comarca de Rio Novo (MG), cujo nome consta como escrivão do 1º Cartório de Ofícios<sup>9</sup>, outra na secção “Arquivo Público Mineiro”, como correspondente e por doação de livros para o arquivo.

Este artigo se insere na história das sensibilidades por tentar compreender a solidão através do pequeno perfil do cidadão comum: um escrivão em excursão por uma estação de cura. Em agosto de 1894, Carmo Gama deixou a família em Rio Novo e seguiu viagem com destino a Poços de Caldas para tratar da bronquite e do reumatismo, “agravados pela natureza de um trabalho profissional, causas de muitos sofrimentos que alcançam ao pobre funcionário público, ligado à boca do trabalho”<sup>10</sup>. Era também uma viagem interior de Carmo Gama que se reconhecia como um escritor medíocre sentindo, às vezes, tédio pela vida pacata.

“A história das sensibilidades como câmara subjetiva contra a cegueira da história”<sup>11</sup>. A citação de Frédérique Langue revela que o estudo das sensibilidades está a serviço do historiador na captura de vivências sensíveis do passado. Para Corbin é uma “antropologia dos sentidos” que sugere uma leitura das “paisagens sensíveis”<sup>12</sup>. A história das sensibilidades considera significativa a experiência do conjunto de atores sociais e as visões de mundo, ou seja, a cultura sensível.

A viagem de Carmo Gama está inserida no “tempo do acontecimento”, segundo Frédérique Langue, o estudo das sensibilidades valoriza a vivência de forma individual e a experiência emocional, tal como os desencadeamentos das

---

<sup>8</sup> *Minas Gerais*, “órgão oficial dos Poderes do Estado”, Ouro Preto, periódico fundado em 1892.

<sup>9</sup> *Minas Gerais*. Ouro Preto, 16 set. 1894, p. 4.

<sup>10</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (I)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 02.

<sup>11</sup> LANGUE, Frédérique. “O sussurro do tempo: ensaios sobre uma historia cruzada das sensibilidades: Brasil-França”. In: ERTZOGUE, Marina & PARENTE, Temis (orgs.). *Historia e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 25-26.

<sup>12</sup> Ver CORBIN, Alain. *Les cloches de la terre: paysages sonores et culture sensible dans les campagnes au XIXe siècle*. Paris: Albin Michel, 1994.

relações subjacentes em escala singular e coletiva<sup>13</sup>.

Carmo Gama não escrevia como profissional: “Só procuro dar, neste mal alinhavado esboço, uma pálida ideia de minhas impressões”<sup>14</sup>. A leitura de “Poços de Caldas: impressões de viagens” é uma volta no tempo das estações de cura. Em agosto de 1894, o escrivão começou sua viagem. Saindo da comarca de Rio Novo, ele chegou à estação da Luz, em São Paulo. Sem um mentor que ensinasse o trajeto, Carmo Gama trazia o mapa da estrada de ferro e o *Almanaque da Gazeta*. Ele consultava o mapa em todas as estações de embarque e desembarque da locomotiva.

Na estação do Cruzeiro “fizemos baldeação, deixando os carros de bitola larga para –, quase á maneira de sardinhas em latas ou bovinos que Minas exporta –, amassarmo-nos, nós que daqui seguimos [no trem] de bitola estreita”<sup>15</sup>. Por volta das dez horas da noite, ele desembarcou em São Paulo e ficou hospedado no hotel Federal, “cujo preço conheci, no dia seguinte, ser bastante salgado, mas como a regra de que viaja é pagar e não bufar...”<sup>16</sup>.

Sabendo pelo mapa que tinha que passar por Campinas, antes da cinco da manhã Carmo Gama estava na estação da Luz. Enquanto aguardava a partida do trem, anotou no diário: “Pus-me a examinar aquelas coisas que me caíam a vista, como os quadros com as fotografias dos réus de polícia, gatunos, batedores de carteiras e vagabundos”<sup>17</sup>. Fotografias semelhantes também estavam expostas nas estações do Norte e de Campinas.

Na parada para o almoço, o escrivão achou curioso o modo como os empregados do restaurante anunciavam o tempo que faltava para o trem partir. Rodeando a mesa, “ao mesmo tempo em que servem a freguesia, vão repetindo, em voz alta: – faltam 15 minutos! faltam 10 minutos! e, no tempo oportuno, vão colhendo o custo da refeição”<sup>18</sup>.

Anoitecia quando ele chegou a Poços de Caldas. Desembarcou do trem e seguiu pela vila até a praça principal onde ficava o edifício da Empresa Balneária Poços de Caldas.

Carmo Gama hospedou-se no Hotel Globo. Ficou impressionado com o luxo da sala de recepção. Toda a mobília era de cor preta e feita de madeira nobre. Destacava-se, entre os móveis da sala, um imenso piano de calda vindo da Europa. Carmo Gama foi para a sala de leitura e observou –, através de seus óculos de lentes grossas –, os hóspedes que esperavam o correio e os jornais do Rio, São Paulo e Minas. A cena dos leitores silenciosos, reunidos em volta da mesa, trouxe-lhe recordações dos tempos de estudante, quando “debruçados sobre os compêndios

<sup>13</sup> LANGUE, “O sussurro do tempo...”, p. 26.

<sup>14</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (VII)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 07 dez. 1894, p. 03.

<sup>15</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (II)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 02.

<sup>16</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (II)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 02.

<sup>17</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (II)”, p. 02.

<sup>18</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (IV)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 02.

estudávamos sobre os olhos vigilantes do inspetor, as lições para a aula seguinte”<sup>19</sup>.

### **Consulta Médica na Estação de Cura**

Agosto, mês de baixa temporada em Poços de Caldas, a “estação do baú”, isto é, uma alusão aos hóspedes identificados pela “modesta e arcaica da bagagem”<sup>20</sup>. Por esse motivo, Carmo Gama não teve dificuldades em conseguir uma consulta com Pedro Sanches de Lemos, médico em Poços de Caldas desde 1873, estudioso das propriedades terapêuticas das fontes termais. Contando apenas com seu salário de escrivão, não se hospedou no hotel da Empresa Balneária Poços de Caldas e por isso não usufruiu do acesso privativo ao balneário.

Para os hóspedes de outros hotéis da região não havia alternativas, a não ser submeterem-se ao monopólio da Empresa Balneária. Os banhos eram cobrados por hora, incluindo um quarto privativo para o suadouro. Havia dois tipos de banhos termais: banhos da 1º classe, em banheira de cimento, e banhos de 2º classe, em banheira de madeira de cedro.

Os banhos eram prescritos por médicos. O escrivão relatou detalhes do consultório de Pedro Sanches, observou a sala dividida por um biombo artisticamente decorado, onde ficava o clássico leito médico dos exames. A mesa de trabalho “ornada de livros de constate uso” e alguns pequenos instrumentos cirúrgicos, além do “elegante termômetro de parede fronteira, tem, junto de si, uma respeitável e macia cadeira de alto espaldar.” Ao lado da mesa de trabalho, ocupando quase todo o consultório, “ergue-se um alto e largo armário, com portas de vidro, obra prima da marcenaria nacional. É uma estante de livros, publicações em várias línguas, novíssimos, e mostrando, não obstante que são manuseados”<sup>21</sup>.

Munido da receita, toalha e cartão, Carmo Gama foi ao balneário que “em minha imaginação tinha todos os encantos”<sup>22</sup>.

### **Poços de Caldas: a Vila dos Milagres**

Antes de continuar o relato do escrivão, vamos conhecer um pouco sobre a história do balneário de Poços de Caldas que povoou o imaginário de Carmo Gama. Tudo começou com a descoberta de fontes de águas sulfurosas na região do sul de Minas. No século XVIII, os exploradores portugueses buscavam bebedouros para os animais quando encontraram fontes de águas quentes. Em pouco tempo, os relatos de curas milagrosas circulavam na capitania de Minas Gerais e em Portugal.

Um registro das propriedades medicinais das “águas virtuosas” de Caldas está na carta de João Almeida Fonseca, comandante do distrito de Sapucaí, ao governador da capitania de Minas Gerais, em 15 de junho de 1786.

O documento descreve a descoberta de uma fonte termal em Rio Verde, “um olho d’água, Caldas legítima”, tão quente que “não se podia aturar dentro dela [a

<sup>19</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (VI)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 02.

<sup>20</sup> CANDIDO, Antônio. “Cartas de um mundo perdido”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08 abr. 1989, p. 77.

<sup>21</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (XI)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 07 dez. 1894, p. 04.

<sup>22</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XI)”, p. 02.

fonte] causa suores gravíssimos, tudo o que são feridas gálicas e gálicos, tudo sara com brevidade; sarou um, quase leproso com empolas grandes por todo o corpo”<sup>23</sup>.

Em 06 de setembro de 1786, o governador da capitania de Minas Gerais, Luiz Cunha de Menezes comunica ao ministro da Marinha portuguesa, Martinho de Melo, a descoberta de uma fonte, segundo relatos do comandante de Santana de Sapucaí.

*[...] é o de que me dá conta o comandante do Distrito de Sapucaí, da comarca do Rio das Mortes, Campanha do Rio Verde, na distância de 60 léguas desta capital de haver aparecido na distância de 12 léguas daquele seu distrito umas águas termais tão virtuosas, e úteis, que têm curado entre várias moléstias a do grande mal de lepra, que tanto persegue este continente americano.*<sup>24</sup>

A notícia espalhou-se por Minas Gerais e Rio de Janeiro. De várias localidades, centenas de enfermos chegavam a Poços de Caldas em busca de tratamento para reumatismos, lepra, chagas, bronquites e sífilis. Uma crônica de Olavo Bilac relata o início daquela peregrinação.

*Os sofredores, que vinham pedir alívio às águas abençoadas, traziam barracas, que armavam à roda dos lameiros sulfurosos e levantava-se um rancho para os misteres de cozinha. Faziam-se preces para que não caíssem chuvas inoportunas e quando o enxofre terminava a sua obra milagrosa, o romeiro, que se via curado enrolava a barraca, e, dando um último olhar de gratidão e saudade à lama rejuvenescedora.*<sup>25</sup>

Entre as fontes termais de Poços de Caldas, a fonte Pedro Botelho, a mais quente (45°) e com maior quantidade de enxofre, era preferida para banhos. A expressão “Pedro Botelho” tinha sua origem na tradição popular portuguesa: “No inferno há uma enorme caldeira onde as almas são deitadas em azeite a ferver e que é chamada de Pero ou Pedro Botelho”<sup>26</sup>.

Na carta endereçada ao Ministro da Marinha portuguesa (1876), o governador Luiz Cunha de Menezes comentou uma superstição popular em relação à fonte Pedro Botelho. Circulava uma “ignorante notícia,” própria de um povo “pouco iluminado,” que naquele sítio “andava o diabo por se ter visto aparecer, por várias vezes, lanças de fogos tão fortes e tão enxofradas, que haviam chegado a queimar os matos de uma grande parte da sua circunferência”<sup>27</sup>.

<sup>23</sup> Apud LEMOS, Pedro Sanches de. “As águas termais de Poços de Caldas”. *Revista do Arquivo Mineiro*, Belo Horizonte, vol. 8, fasc. 3, jul./dez. 1903, p. 756.

<sup>24</sup> Apud LEMOS, “As águas termais...”, p. 756.

<sup>25</sup> BILAC, Olavo. “Nas Caldas (1901)”. In: \_\_\_\_\_. *Ironia e Piedade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916, p. 246.

<sup>26</sup> VASCONCELOS, José Leite. *Tradições populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel, 1882, p. 316.

<sup>27</sup> Apud LEMOS, “As águas termais...”, p. 756.

Os enfermos, por sua vez, deram testemunhos de cura: “Acabo de chegar da viagem dos poços das Caldas e graças a Deus, lá deixei enterrado no fundo da caldeira de Pedro Botelho o reumatismo que me afligiu durante o último inverno”<sup>28</sup>.

Sobre superstição popular e a fonte Pedro Botelho dizia um retrospecto histórico de Poços de Caldas (1886) –, por ocasião da visita de D Pedro II –, publicado n’*O País*: “É crença popular que a Caldeira de Pedro Botelho é a mais quente do inferno. Desta superstição originou-se o nome da primeira fonte”<sup>29</sup>.

Em 1872, Joaquim Floriano de Godoy, governador de Minas Gerais, encomendou um estudo sobre as fontes termais. O doutor Luiz Pereira Barreto apresentou um relatório denunciando a falta de estrutura em Caldas para receber os enfermos: “É horroroso o desapontamento dos doentes que chegam. [...]” Senhoras de famílias habituadas “à elegância, partindo das províncias mais remotas do império, arrastadas pela fama das curas miraculosa” eram alojadas em “espeluncas”<sup>30</sup>.

Na época não existiam benfeitorias, “ao menos que se considere como obra d’arte, um tosco e mal amanhado caixão de pinho, medindo 8 palmos de largura e ½ de profundidade” –, para banhos na fonte –, “vulgarmente conhecida sob o nome de caldeira de Pedro Botelho, não obstante a ofensa do decoro e da decência mais elementar”<sup>31</sup>.

### **Empresa Balneária de Poços de Caldas: Privatização das Águas**

Em 1886, as fontes termais eram exploradas pela Empresa Balneária Poços de Caldas através do contrato de arrendamento, celebrado com o governo de Minas, o contrato garantia o monopólio das águas termais. O empreendimento era formado por capital privado. Nesse ano foi criado um regulamento para funcionamento do balneário. O balneário ficava aberto das seis da manhã às seis da tarde.

Os banhistas tinham direito de exigir o banho na temperatura indicada pelo médico e o ingresso para as banheiras era pago no escritório da Empresa, onde era adquirido o cartão de acesso. O preço era cobrado de acordo com a categoria de banho: banheiras de 1ª ou 2ª classe. Cada banho era cobrado por hora.

Era proibido escrever palavras obscenas nas paredes dos quartos de banhos. Não era permitido 2 pessoas na banheira, a não ser quando o enfermo estivesse em estado mórbido. Acesso privativo ao balneário: “Só aos banhistas hospedados no Hotel da Empresa é facultado o ingresso no estabelecimento balneário pelo passadiço”<sup>32</sup>, galeria coberta que ligava o hotel ao balneário.

Desde a criação da Empresa Balneária, a população de Caldas e hotéis periféricos fizeram queixas ao governo contra a privatização das fontes. Os donos de hotéis reclamavam dos privilégios da canalização das águas e do ingresso no balneário, por área coberta, restrito apenas aos hóspedes do hotel da Empresa.

<sup>28</sup> *O Noticiador de Minas*, Ouro Preto, 18 set. 1872, p. 02.

<sup>29</sup> *O País*, Rio de Janeiro, 27 out. 1886, p. 02.

<sup>30</sup> BARRETO, Luís Ferreira. “Estudos sobre as águas termais de Caldas na Província de Minas Gerais feitos pelo Doutor Luiz Pereira Barreto por ordem do Presidente Joaquim Floriano Godoy”. *Noticiador de Minas*, Ouro Preto, 18 set. 1872, p. 02.

<sup>31</sup> BARRETO, “Estudos sobre...”, p. 02.

<sup>32</sup> *A União*, Ouro Preto, 21 set. 1886, p. 03.

Em 1892, a discussão da privatização das águas pela Empresa Balneária foi retomada.

A Empresa Balneária detinha o monopólio da exploração das fontes, sem fiscalização do governo, “ocupava-se exclusivamente da parte mercantil, deixando a parte terapêutica na mais completa incúria”. A denúncia foi feita pelo doutor Raimundo Duarte, em 16 de agosto de 1892, n’O País.

A mercantilização do uso das águas termais e o descaso com a saúde pública:

*As banheiras de 1ª classe são construídas de alvenaria de tijolos, capeadas de cimento, e tão impróprias ao fim a que se destina que a maioria dos banhistas ordinariamente as abandona depois dos primeiros banhos, preferindo as de 2ª classe, que, construídas de madeira de cedro, conservam melhor as propriedades térmicas das águas. Deste fato resulta uma aglomeração constante de frequentadores destas, com grave prejuízo do serviço de asseio indispensável para que se evite a transmissibilidade de males que pode transformar este agente terapêutico em pernicioso foco de infecção.*<sup>33</sup>

As banheiras administrada pela Empresa Balneária ficavam em quartos de banhos privativos. Os quartos de banho, por sua vez, ficavam no barracão, divididos por três corredores. As galerias de banheiras: duas de 1ª classe (26 banheiras) e uma de 2ª classe (32 banheiras). Outra reclamação era a perda da qualidade terapêutica das termas, por causa da água encanada que era transferida para as banheiras.

## **O Banho de Carmo Gama**

O quarto de banho era um compartimento quadrangular com uma banheira, além disso, a cama para o suadouro, uma cômoda e cabides para pendurar roupas. Carmo Gama estava ansioso para experimentar o banho termal: “religiosamente penetrei no compartimento a que me guiara um encarregado, munido de um termômetro, media a temperatura.” Preparando-se para desfrutar o banho: “Fechando-me naquele recinto, coloquei meu relógio em frente e, preparado, penetrei naquela santa piscina, que assemelha-se à forma de açúcar em nossos engenhos”<sup>34</sup>.

Início do ritual do banho: “Cautelosamente, esperançoso e crente, comecei a gozar do primeiro banho, imerso naquele Jordão, que ia lavar-me das máculas”<sup>35</sup>. Comparou o banho com o ritual cristão de purificação.

As banheiras tinham duas torneiras: uma com água canalizada da fonte Pedro Botelho e outra com água canalizada da fonte dos Macacos, mais fria, usada para graduar a temperatura do banho. Carmo Gama banhou-se numa banheira de 2ª

<sup>33</sup> O País, Rio de Janeiro, 25 ago. 1892, p. 02.

<sup>34</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (XII)”. Minas Gerais, Ouro Preto, 07 dez. 1894, p. 02.

<sup>35</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XII)”, p. 02.

classe, feita em madeira de cedro, preferida por manter a água quente por mais tempo. Na banheira tinha um suporte de madeira para apoio da cabeça:

*Serve de travesseiro, de modo que, todo o corpo imerso fica o banhista, deitado de costas, só a cabeça fica fora d'água, e nessa posição, não se esquecendo do relógio ou ampulheta, que coloca de frente, vai contando os frisos do telhado de zinco e filosofando sobre a vida, até resolvendo problemas matemáticos mentalmente.*<sup>36</sup>

Havia fila de espera para o banho. Os banhistas levavam toalhas, mantas e cobertores (para o suadouro) e o cartão de ingresso. Quem ultrapassasse o tempo do banho pagava em dobro. “Agradabilíssimo, entretanto, de olhos fixos no relógio, com medo de ultrapassar o tempo determinado, enlevado naquela acariciadora sensação”<sup>37</sup>.

Depois de 15 minutos, Carmo Gama saiu do quarto “bem encapuçado” e foi para o corredor, antes de se expor ao ar livre. Além do banho, recomendava o uso diário da água termal. Antes do café da manhã, “indispensável, por hábito, a todos nós mineiros, mandar buscar água termal em um jarro e com ela lavar o rosto, como na obrigação de usar o elemento mineral em todas as minhas ablações”<sup>38</sup>. O uso de água sulfurosa para a higiene bucal, apesar do gosto, Carmo Gama considerava superior a todos os dentífrícios.

Desde quando foram descobertas as propriedades curativas das águas minerais de Caldas, registradas em correspondências de governadores, acreditava-se no poder das fontes para rejuvenescimento. Um antigo almanaque literário de São Paulo (1875) publicou um relato, atribuído a um médico, que dizia: “São águas santas! (...) “fontes de mocidade, em que se vai rejuvenescer, em que se sente voltar a saúde e robustez”<sup>39</sup>.

Os mitos da fonte da Juventa, em diferentes períodos das civilizações, alimentaram esperanças de cura e juventude. A cura pela água, em seu princípio imaginário, para Bachelard isto pode ser percebido a partir do duplo ponto de vista: imaginação material e imaginação dinâmica. O homem projeta o seu desejo de cura e sonha com a substância compassiva. É “surpreendente a grande quantidade de trabalhos médicos, que o século XVIII dedicou às águas minerais e às águas térmicas”<sup>40</sup>. Para Bachelard esses trabalhos pré-científicos pertencem mais à psicologia que à química. “Inserem uma psicologia do doente e do médico na substância das águas”<sup>41</sup>. Em relação ao imaginário dinâmico, Bachelard afirma que as águas marcaram a mocidade do nosso espírito, isto é, “São necessariamente uma reserva de juventude.” E por essa razão estão conectadas às nossas lembranças

<sup>36</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (XVI)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 08 dez. 1894, p. 02.

<sup>37</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XII)”, p. 02.

<sup>38</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XV)”, p. 02.

<sup>39</sup> LISBOA, José & MARQUES, Abílio. *Almanaque Literário Paulista para 1876*. São Paulo: Tipografia Província de São Paulo, 1875, p. 109.

<sup>40</sup> BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 53.

<sup>41</sup> BACHELARD, *A água e os sonhos*, p. 53.

íntimas.

Quando Carmo Gama esteve no balneário da Empresa, o estabelecimento não tinha passado por reformas e não havia luz elétrica na vila, o escrivão, contudo, confessou que parecia estar em um sonho. O prédio tinha três entradas: uma entrada principal e duas laterais. A entrada para o hotel, por um corredor, com acesso privativo ao balneário, “passadiço” coberto. Carmo Gama lastimou não poder andar pela galeria envidraçada, por onde passavam os hóspedes, em leve *toilette* pela manhã, sem temer a chuva, o sereno e a lama.

Em frente do prédio da Empresa havia uma vasta sala, em forma de vestíbulo, com bancos onde os banhistas aguardavam pela vez do banho. As paredes interiores eram de tijolos, em forma de biombos, com amplas aberturas que deixavam passar a luz.

Uma última anotação sobre os banhos: as “natas de canjicas” que repugnavam os veranistas: “Os pequenos corpos que se veem em ebulição nas banheiras cheias –, chamados natas de canjicas –, por causa da semelhança e untuosidade ao tato que se sente ao passar-se a mão pelo corpo, quando imerso”<sup>42</sup>. Tudo isso, porém, desaparecia em poucos minutos e “o banhista se certifica de que as águas são as mais límpidas que se pode desejar”<sup>43</sup>.

Em memórias do escrivão Carmo Gama, a sensibilidade na percepção dos sons, aparece como algo próximo daquilo que Alain Corbin classificou da “antropologia dos sentidos”, cujos sons estão presentes nas impressões de viagem.

*Diariamente, ouvindo o grande sino do hotel do Globo, cujo som, como se saísse do alto de um campanário, percorre toda a povoação e adjacências, convidando os hóspedes para as refeições e café, nas horas inalteráveis do regulamento afixado na parede dos quartos, ouvindo repetidos passos pelos corredores; vendo durante as refeições, cheia aquela grande mesa, em redor da qual formigam lépidos e serviçais criados; observando aquele respeitoso silêncio que se fazia, quer na sala de leitura, após a chegada do correio, quer em todo hotel às 10 horas da noite.*<sup>44</sup>

Na parte final da narrativa, o escrivão deixa transparecer sua solidão. Todos os dias passados em Poços de Caldas, José do Joaquim Carmo Gama se representa no diário de viagem como observador solitário, um narrador que se distrai com cenas de sociabilidade na sala de leitura do hotel, lembrando o passado, ou seja, suas memórias de estudante no seminário de Mariana.

A cena predileta do escrivão era a movimentação dos hóspedes no hotel Globo. Diferente de outros narradores de Poços de Caldas, que louvaram a natureza e descreviam morro e vales, Carmo Gama tinha preferência por pessoas, semelhante ao narrador de Edgar Allan Poe, no conto "O homem da multidão" (1840).

<sup>42</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XV)”, p. 02.

<sup>43</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XV)”, p. 02.

<sup>44</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XV)”, p. 02.

*Presenciando a reunião nos salões, alegres todos e ansiosos, como colegiais em horas de recreios, ou ainda à tardinha, após o jantar, vendo os diversos grupos a passeio pelo largo ou pela “gare” da estação, que, nessa hora tomou ar festivo – tinha saudades dos bons tempos colegiais, dos bons tempos idos quando, vergando a botina; o cérebro laborando castelos flutuantes, a alma em constante riso de esperanças. Estudávamos no Seminário de Mariana. Recordar-se, consolar-se, – disse o mestre, A Herculano.<sup>45</sup>*

As anotações da viagem de Carmo Gama não informam sobre a vida do autor, uma das poucas referências pessoais da trajetória do escrivão são algumas lembranças do seminário de Mariana.

### **Entre a Cura e o Prazer**

Em agosto de 1894, quando Carmo Gama foi procurar tratamento em Poços de Caldas, a estação de cura era bem diferente daquilo que ele imaginava. O balneário era animado e agradável. O escrivão relata a rotina dos banhistas:

*Banhos, pela manhã ou antes do jantar, passeios pelos morros circunjacentes, caçadas, quando encontravam cães, animais selados, espingarda e companheiros; passeios à estação, à chegada do trem, à tarde ou jogos de salão, que terminavam invariavelmente às 10 da noite, em observância ao regulamento, quer de azar, nas casas próprias, onde a roleta fascina.<sup>46</sup>*

Os narradores de Poços de Caldas, no século XIX, são unânimes em dizer que a estância de cura era um lugar de recreio para veranistas em férias. Cita-se, como exemplos, Coelho Netto, autor de “Vida Nômade” (1896), crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*; Arthur Azevedo, “A Palestra” d’O País (1889) e Olavo Bilac em “Crônicas” da *Gazeta de Notícias* (1901-1902) e também temos um folhetim de João do Rio: “Correspondências de uma Estação de Cura” (1917).

Os cronistas relacionados passavam temporadas no balneário de Poços de Caldas, hóspedes do Hotel da Empresa, publicavam na imprensa sobre os encantos do lugar.

A presença de escritores e artistas no hotel da Empresa aumentava o fluxo de veranistas na cidade. O médico Pedro Sanches, um dos sócios do empreendimento, reconhecia isso de fato. O balneário de Caldas lotava quando Olavo Bilac e Coelho Neto estavam de férias em Caldas.

De Poços de Caldas, 18 de março de 1901, o correspondente d’O Estado de São Paulo descreve a movimentação de veranistas. À tarde, no salão de chá do hotel da Empresa, o poeta Olavo Bilac e o romancista Coelho Neto participaram de um sarau que foi “oferecido pelo senhor Henrique Leite Ribeiro às distintas

<sup>45</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XV)”, p. 02.

<sup>46</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (VI)”. Minas Gerais, Ouro Preto, 05 dez. 1894, p. 03.

famílias que lá se achavam aboletadas”<sup>47</sup>. Depois da publicação da nota social pelo jornal paulista, o doutor Pedro Sanches, sócio da Empresa, comentou:

*É bom lembrar que quando Coelho Neto e Olavo Bilac estiveram em Poços de Caldas, bastou que O Estado de São Paulo desse uma notícia da movimentação que eles imprimiram à estação de então, para que famílias e famílias afluíssem a esta terra, de São Paulo e outros pontos daquele Estado.*<sup>48</sup>

Em agradecimento pela calorosa recepção, Olavo Bilac publicou “Nas Caldas” (1901). Na crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, o poeta descreve a natureza paradisíaca das montanhas e faz um retrospecto histórico do balneário. Para Coelho Neto a temporada rendeu um novo romance: “Água de Juventa” (1904). O título é uma referência à fonte da juventude. Juventa, na mitologia grega, foi uma ninfa transformada em fonte. No romance de Coelho Neto, Pedro Sanches de Lemos, sócio da Empresa, é o doutor Lino.

*Grupos de banhistas animavam o imenso largo, raso e lodoso, cortado de vales, cavado em caldeirões traiçoeiros, que o Dr. Lino, médico das águas, pensava em alindar com o auxílio patriótico do governo de Minas, transformando-o em parque, á inglesa, com extensas e aparadas relvas, árvores de sombra, pontes rústicas lançadas sobre os ribeirões e, ao centro, o Cassino: um palácio de arquitetura moderna, com salões de concerto, de baile, de jogo, restaurantes, bibliotecas.*<sup>49</sup>

A transformação da “estação de cura” em “parque inglês” não era ficção. Em julho de 1902, Pedro Sanches realiza uma viagem de estudos para conhecer o funcionamento das estâncias balneares da Europa, com interesse especial pelas estações termais francesas. Pedro Sanches pretendia transformar Poços de Caldas em uma estação similar às termas europeias:

*Em Poços de Caldas o banhista não encontra distração de espécie alguma, e por isso é necessário que aqui se construa parques, alpendrada, canteiros de flores e de relva, cascatas, pequeno lagos, repuxos de águas. É necessário que se edifique no parque um quiosque, onde se toque música, pelo menos três vezes por dia, passeando então os banhistas pelas ruas do parque e pelo alpendrado, tanto nas horas das operações balneárias com depois do jantar. Urge que se faça em Poços de Caldas um Cassino com teatro, salas de concerto, de conversação, jogos e etc...*<sup>50</sup>

<sup>47</sup> *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1901, p. 01.

<sup>48</sup> LEMOS, “As águas termais...”, p. 798.

<sup>49</sup> COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Água de Juventa*. Porto: Livraria Chardon, 1904, p. 15.

<sup>50</sup> LEMOS, “As águas termais...”, p. 798.

Foi Olavo Bilac, em 1901, quem consagrou a expressão “fonte da Juventa” para Poços de Caldas. De forma poética, Bilac descreve veranistas e enfermos com suas moléstias, em busca de cura no balneário de Caldas.

*E, enquanto o sol invade o horizonte, e cham ao longe os carros de bois, a vasta praça que os hotéis circundam é cruzada de instante a instante pelos devotos de Sulfur. Aí vêm os artríticos, – vítimas da boa-chira, convivas assíduos dos banquetes da vida, os náufragos das tormentas do pensamento, estragados pelo abuso das delicias da existência ou pelas torturas do labor intelectual; aí vêm os dispépticos, de face pálida e os obesos, de banhas oscilantes, aí vê os cloróticos e os anêmicos, que a tísica faminta vive sitiando e espreitando; e aí vêm aqueles que Vênus seduziu e traiu aqueles que não desconfiaram dos sorrisos de Eros... Vindes, ó combalidos! Vinde que a fonte de Juventa voz espera!<sup>51</sup>*

Retomando as impressões de viagem do escrivão Carmo Gama, vejamos o que ele disse sobre os jogos em Poços de Caldas (1894). Visitou casas de jogos com roleta e baralho, apenas como observador – católico e devoto da Virgem Maria, não se interessava por jogos de azar.

*Reunidas centenas de pessoas em uma pequena vila, que aos encantos do seu clima e suas águas deve o condão de atrair forasteiros, como acontece em todas as estações aquáticas, joga-se bastante em Poços de Caldas, pagando cada casa de jogo a licença anual de 2:000\$000, segundo informou à municipalidade, que nisso tem fonte de renda. As mesas de pano verde, as roletas várias e as grossas quantias que ali pululam, fascinam os inclinados, entusiasmam os frequentadores, que de lá volta, chorando e maldizendo seu infortúnio, ou abençoando a boa estrela que os guiou no terrível jogo de azar.<sup>52</sup>*

O escrivão, antes de conhecer o balneário, imaginou Poços de Caldas como era antigamente. Uma vila pacata, circundada por colinas verdejantes, capins amarelados, as pedras quentes do Cerro das Cruzes, “encimado pela capelinha que uma cerda de ripa protegia, lampejavam” – e, fronteira, a montanha,

*[...] copada em bosques, como restos d’um velo antigo, tosado, em parte, pelos homens, sangrando ao flanco a água de prata que se despenhava do alcantil, alta, monstruosa, parecia um molosso desconforme, com o focinho entre as patas, a olhar na direção do ocidente, guardando atento,*

<sup>51</sup> Crônica originalmente publicada na *Gazeta de Notícias*. BILAC, “Nas Caldas...”, p. 251.

<sup>52</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (XVII)”. *Minas Gerais*, Ouro Preto, 11 dez. 1894, p. 02.

*imóvel, silencioso, a vila dos milagres.*<sup>53</sup>

Carmo Gama, um observador da própria sombra, nada parecia estimulá-lo para as atividades coletivas, diversões, ou passeios em grupos na estação de Caldas. O único memento de prazer era a hora do banho. Anotou no diário a quantidade de banhos: vinte. Quatro anos depois da viagem do escrivão, um fato comprova que o balneário não era a vila dos milagres imaginada por ele. A tendência era a transformação de Poços de Caldas em um balneário de recreio. O jornalista Arthur Azevedo defendeu o aformoseamento da cidade e a abertura de cassinos:

*O jogo, que até certo ponto é a alma desta estação de banhos, bastaria para iluminar a vila, calçar as ruas, ajardinar e arborizar as praças, substituir as pontes e o mercado, levantar uma escola, uma biblioteca, um teatro, um jardim de aclamação – fazer, enfim, deste formoso cantinho do mundo um lugar que atraísse todos os anos muita gente, não só do país como do estrangeiro.*<sup>54</sup>

### **O Mundo Reencontrado de José Joaquim do Carmo Gama**

Sentindo-se revigorado e terminado o prazo da licença concedida pelo juiz de direito, Carmo Gama decidiu regressar. “Fechada a mala e feitas as despedidas aos bons amigos e companheiros, a 22 de agosto, parti, voltando de minha excursão a Caldas.”<sup>55</sup> O escrivão passou 20 dias em Poços de Caldas. “Com a regularidade do crente, tomei 20 banhos.” Restabelecido, decidiu que “era tempo já de volver aos meus parentes, cuja ausência, me era profundamente penosa”<sup>56</sup>. Informações sobre Carmo Gama, posterior ao ano das “impressões de viagem,” continuaram esparsas. Em 1898, ele publica *Bucólicas: miscelânea literária*.

A prática da pesquisa tem demonstrado que os necrológicos feitos pela imprensa são fontes preciosas. José Joaquim do Carmo Gama nasceu em 16 de junho de 1860, em Baependi (MG) e morreu em 13 de novembro de 1937, em Juiz de Fora. Além de escrivão, ele era professor, escritor e membro da Academia de letras de Minas Gerais. Era casado, tinha filhos e ficou viúvo em 1918. Encontrei, entre as notas de pesar, uma carta do escrivão, escrita seis meses antes dele morrer.

*[...] Após 40 anos de tabelionato, resignei o mesmo, em 1929, e fui logo nomeado fiscal de escolas normais e diretor do grupo escolar, de Caratinga, e depois de Palma, Aposentado pela idade (76), em fins de maio do ano passado, eu voltei para aqui.*

*Vivo só, porque os filhos, duas religiosas, duas casadas e duas solteiras, e um rapaz, estão todos colocados e longe:*

<sup>53</sup> COELHO NETO, *Água de Juventa*. p. 15.

<sup>54</sup> AZEVEDO, Arthur. “A Palestra”. *O País*, Rio de Janeiro, 9 mai. 1897, p. 01.

<sup>55</sup> GAMA, José Joaquim do Carmo. “Poços de Caldas: impressões de viagem (XX)”. *Minas Gerais, Ouro Preto*, 11 dez. 1894, p. 02.

<sup>56</sup> GAMA, “Poços de Caldas: impressões de viagem (XX)”, p. 02.

*Rio, Petrópolis, Parnaíba do Sul, Juiz de Fora, Barbacena e Belo Horizonte. Em 16 de junho terei 77 anos. É muito tempo de ver tudo lá por cima, scient est.*<sup>57</sup>

José Joaquim do Carmo Gama foi um menino pobre, o pai era comerciante em Minas Gerais e com a falência dos negócios, ele transferiu-se com a família para Carmo de Cachoeira. O tio e padrinho, cônego Domingos, internou Carmo Gama no Seminário de Mariana. Ao concluir os estudos preparatórios, em 1882, matriculou-se na faculdade de medicina, no Rio, sem meios de subsistência, desistiu do curso. Mudou-se para Rio Novo, onde começou a lecionar. Em 1890 foi nomeado, por concurso, para o cargo de 1º Tabelião e Oficial de Registros Gerais.

As memórias do escrivão estão inseridas no deslocamento do tempo, em relação às crônicas de Olavo Bilac e Coelho Netto, por exemplo, percebe-se em Carmo da Gama um despreparo na escrita, fato que ele próprio reconheceu.

Em busca dos rastros de um desconhecido, Carmo Gama pode ser considerado uma ponte para leituras sobre as experiências de viagens no século XIX. “As impressões de viagens” são relatos de um testemunho ocular, todavia, foi na simplicidade da escrita e memórias que se revelaram sua experiência individual, embora, filtrada pela nítida recusa de Carmo Gama em expor sua vida pessoal. O escrivão, durante a viagem, foi um espectador, alguém ciente de suas obrigações. Carmo Gama não era um veranista em férias, mas um crente em busca de cura. O homem simples que não percorreu as galerias envidraçadas do Hotel da Empresa, passou por Poços de Caldas sem ostentações. Por fim, um perfil do cidadão comum encontrado ao acaso, nas páginas amareladas do jornal.



---

<sup>57</sup> “CARMO Gama”. *O Patriota*, Baependi, 04 dez. 1937, p. 02.

## RESUMO

O presente artigo faz uma reflexão sobre história e sensibilidade através das memórias do escrivão José Joaquim de Carmo Gama. O escrivão, protagonista da narrativa, tem o perfil do homem comum, pacato funcionário público de Rio Novo (Minas Gerais). Para tratar da saúde, Carmo Gama fez uma longa viagem até uma estação de cura, em Poços de Caldas (1894). Através dessas memórias é possível “viajar no tempo” e conhecer espaços íntimos de um hotel. Em “Impressões de viagens,” o sentimento da solidão perpassa a narrativa unindo-se às observações do viajante em descrições dos espaços de convivência e intimidade dos hóspedes nos oitocentos. Por fim, em “o mundo reencontrado de Carmo Gama”, a partir dos ensinamentos de Corbin, apresento a construção da trajetória de vida do escrivão.

**Palavras Chave:** História; Sensibilidade; Viagens.

## ABSTRACT

This paper promotes a reflection about the history and sensibility through the memories of the scrivener José de Joaquim Carmo Gama. The scrivener, protagonist of the narrative, has the profile of a regular man, quiet public worker of Rio Novo (Minas Gerais). To take care of his health, Carmo Gama did a long trip to a heal station, in Poços de Caldas (1894). Through these memories it is possible to “time travel” and to know the intimate spaces of a hotel. In “Impressões de viagens” (*Travel impressions*), loneliness permeates the narrative along with the traveler’s observations in descriptions of the living spaces and intimacy of guests in the 1800s. Finally, in “O mundo reencontrado de Carmo Gama” (*The recovered world of Carmo Gama*), from the teachings of Corbin, this article presents the building process of the scrivener’s trajectory of life.

**Keywords:** History; Sensibility; Travel.

Artigo recebido em 16 mai. 2015.

Aprovado em 30 set. 2015.